

METÁFORA E ECONOMIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Graziela ZAMPONI

*Instituto Básico de Humanidades
Programa de Mestrado em Linguística Aplicada
Universidade de Taubaté – UNITAU
EEL-USP*

Resumo

Nos últimos tempos, tem crescido o interesse pelo uso de metáforas em diferentes campos, incluindo o da Economia. O presente artigo busca contribuir com essas pesquisas, focalizando uma única metáfora conceitual: <ECONOMIA É OBJETO SÓLIDO> e o metaforema “derretimento [do dólar]” do qual examina as características formais, semânticas e afetivas.

Palavras-chave: metáforas, metáfora conceitual.

METAPHOR AND ECONOMICS IN PRESS

Abstract

There has been increasing interest in the use of metaphor in different fields, including in Economics. The present article attempts to contribute to these researches by focusing on a single conceptual metaphor: <ECONOMICS IS SOLID OBJECT> and the metaphoreme “[the dollar] meltdown”, showing its patterns of formal, semantic and affective characteristics.

Key Words: metaphors, conceptual metaphors.

METÁFORA E ECONOMIA EL DISCURSO PERIODÍSTICO

Resumen

En los últimos tiempos, ha crecido el interés por el uso de las metáforas en distintos dominios, incluyendo el dominio de la Economía. El presente artículo intenta contribuir con esas investigaciones, teniendo como recto hacer el examen de una sólo metáfora conceitual: <ECONOMIA ES OBJETO SOLIDO> y el metaforema “derretimiento [del dólar]”, en el cual se hace el examen de las características formales, semánticas e afectivas.

Palabras clave: metáfora, metáfora conceitual.

1. INTRODUÇÃO

“E as bolsas do mundo derretem...” Essa era a manchete do caderno Economia do jornal O Globo, de 5 de setembro de 2008, inserida abaixo de um subtítulo “Ameaça Global” e de uma figura com dez esferas, das quais nove organizadas em três grupos que representavam, pelas bandeiras nacionais, as bolsas de China, Hong Kong e Japão (Ásia), França, Alemanha e Inglaterra (Europa), além de Estados Unidos (América do Norte), países cuja economia é referência e termômetro para o mundo; esses conjuntos eram seguidos por uma única esfera com a bandeira brasileira, representando a BOVESPA. A disposição visual das esferas sugeria um “efeito dominó” e permitia a associação com a já consagrada metáfora “a bola da vez”, para significar o próximo país a ser atingido por uma crise econômica.

A análise desse contexto verbal e não-verbal revela a presença da metáfora, que convida o leitor conceptualizar um evento em termos de outro, a partir de uma metonímia convencionalizada e dicionarizada (BOLSA [de valores] POR MOEDA, numa relação de *continente pelo conteúdo*).¹² Trata-se de uma estratégia

¹ Como apontam Deignan e Porter (2004), diferentes sentidos de uma palavra polissêmica não são desenvolvimentos históricos arbitrários, mas podem ser traçados com base na noção de metáfora conceitual. Acrescentamos a esse conjunto

altamente eficiente na comunicação de complexos processos, crucial nas interações produtor e leitor, porque conteúdos relativamente complexos e/ou abstratos precisam ser comunicados de modo a possibilitar que o leitor a eles tenha acesso. É essa estratégia que este artigo focaliza, especificamente a metáfora “derretimento [do dólar]”, recorrente nos textos da mídia durante o período da crise econômica mundial.

2. METÁFORA E ECONOMIA: JUSTIFICANDO A RELAÇÃO E ESTABELECENDO OS OBJETIVOS

Longe de ser a uma figura retórica, a metáfora é uma ferramenta essencial na linguagem, pensamento e comunicação. Ela é usada para diversas finalidades comunicativas em todos os domínios do discurso, como por exemplo, para persuadir no discurso da propaganda e política, para instruir, no discurso da educação, para informar, no discurso dos vários campos da ciência, entre eles, o da Economia.

O conceito de Economia tem origem na cultura grega e nesse contexto significava “direção de uma casa”, estando, portanto, relacionado à economia familiar. Com o alargamento da significação, que ultrapassa o âmbito do gerenciamento dos recursos domésticos, o conceito passou a abranger o inter-relacionamento entre recursos e sociedade, traço que se tornou central na definição do termo. Com efeito, mesmo fora dos discursos especializados, encontramos essa acepção nas definições de dicionários, após a que relaciona o termo à economia familiar:

Economia: ciência que estuda os fenômenos relacionados com a obtenção e a utilização dos recursos materiais necessários ao bem-estar. (DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa, doc. eletrônico).

Economia: ciência que trata dos fenômenos relativos à produção, distribuição, acumulação e consumo de bens materiais. (FERREIRA, 1986, p. 617).

Como se vê, o conceito envolve uma relação entre entidades abstratas (produção, distribuição, consumo e troca), que, quando associadas a itens concretos, se tornam mais compreensíveis. A aplicação de quantidade e variáveis numéricas em notícias de commodities, por exemplo, fornece um quadro mais palpável para o entendimento desses conceitos. Mas, quando eles se afastam dessa concretude, exigência de uma abordagem que leva em conta principalmente as questões da macroeconomia, encontramos um grande desafio tanto no campo linguístico quanto no campo conceitual, já que a complexidade desse mundo mais abstrato é maior, como aponta White (2003). E aqui se justifica a presença de metáforas, um princípio de linguagem onipresente, altamente revelador da capacidade humana de produzir sentido e “o principal mecanismo por meio do qual compreendemos conceitos abstratos e realizamos raciocínio abstrato”. (LAKOFF, 1993, p. 244)³. Tomando essas afirmações como ponto de partida, natural é hipotetizarmos que, num domínio como o da Economia, a metáfora se faça presente de maneira significativa.

A teoria contemporânea da metáfora tem sido desenvolvida por linguistas cognitivos, psicolinguistas e psicólogos, voltados principalmente para o pensamento. Mas o exame da metáfora também está presente nas investigações de linguistas voltados para a descrição do fenômeno, que têm uma agenda diferente: sem desconsiderar a importância da metáfora no pensamento, esses estudiosos focalizam as metáforas encontradas na linguagem em uso, o que, naturalmente, tem implicação direta na metodologia adotada. Se, para o primeiro grupo, o objetivo do exame de dados linguísticos é provar ou rejeitar hipóteses sobre relações e processos conceituais, para a descrição linguística, o objetivo é explicar o funcionamento da metáfora na linguagem, cujas teorias são testadas em relação a dados reais.

Esse é outro ponto de diferença entre os dois grupos: enquanto o primeiro lança mão de exemplos fabricados em vez de dados que ocorrem naturalmente, o segundo se volta para detalhes da superfície linguística de dados atestados, que constitui seu principal interesse, pois, a partir deles, podem-se gerar descrições mais acuradas; afinal, como afirmam Deignan e Potter (2004) resultados de pesquisa na área da linguística cognitiva e psicolinguística apontam disparidades entre o que as pessoas realmente escrevem e dizem e o que elas pensam que escrevem e dizem, quando se adotam corpora naturais.

Nesse horizonte teórico, esta pesquisa inscreve-se na perspectiva descritiva da metáfora, especificamente na vertente que adota uma abordagem linguístico-discursiva do fenômeno, focalizando um

a metonímia. É o que adoto aqui, quando trato das acepções de termos do domínio da Economia como “bolsa”, “moeda”, entre outros.

² Assim como a metáfora, a metonímia, tão básica e sistemática no nosso pensamento, é definida como uma relação conceptual em que um conceito representa outro conceito no contexto de um frame de conhecimento, chamado Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) (cf. Kövecses, 2002; Lakoff & Johnson, 2002 [1980]). Baseada numa relação de contiguidade, a metonímia envolve duas entidades relacionadas no espaço conceptual de um mesmo domínio.

³ Todas as traduções aqui apresentadas são de minha inteira responsabilidade.

único conceito que manifesta uma metáfora recorrente nos textos da área da Economia, veiculados na mídia: o metaforema **'derretimento de X'**.

O corpus dessa pesquisa se restringe ao jornal Folha de S.Paulo, em versão impressa e on-line, abrangendo o período de janeiro de 1998 a setembro de 2009, em que examinamos a expressão metafórica **"derretimento [de X]"**⁴. O corpus foi constituído em torno da noção de "momento discursivo" (MOIRAND, 2003), relativo ao surgimento de atividade intensa e diversificada na mídia em conexão com um único evento. O momento discursivo escolhido foi a crise financeira mundial, que se intensificou no ano de 2008.

A escolha de um jornal de grande circulação no Brasil deveu-se ao fato de a metáfora ser uma parte integral da prática jornalística nos meios de comunicação de massa. Neles, esse mecanismo constitui uma ferramenta eficiente para a transmissão de uma informação de forma familiar, uma ferramenta que permite o entendimento de novos tópicos e complexos processos e eventos por meio de experiências e crenças culturalmente partilhadas.

Postulando previamente que a construção **"derretimento [de X]"** constitui uma metáfora, nossos objetivos são:

- a) examinar a frequência de uso a partir do conceito de momento discursivo;
- b) verificar o padrão ou padrões que definem o sentido dessa metáfora no discurso da Economia veiculado na mídia;
- c) avaliar os valores que tal metáfora carrega.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ADOTANDO UM POSTO DE OBSERVAÇÃO

Os estudos sobre a metáfora ganharam impulso nos últimos anos, a partir de uma mudança de paradigma, cujo início data dos anos 80⁵. Nessa nova perspectiva, rompe-se com a concepção de metáfora como um ornamento lingüístico, um fenômeno de linguagem, caracterizado como um desvio, presente (e estudado) sobretudo na linguagem poética. No novo paradigma, a metáfora é vista como fenômeno central na linguagem e no pensamento, enraizado em nossa natureza de seres que buscam e produzem sentido, estando presente em todos os tipos de linguagem. De figura retórica, a metáfora passa a adquirir o status de uma operação cognitiva fundamental.

Trata-se de uma virada nos estudos da metáfora, abordada agora da perspectiva cognitiva, cujos pioneiros são Lakoff e Johnson, com o livro *Metaphors We Live By* (publicado em 1980). Na concepção dos autores, a metáfora é vista como um conjunto de mapeamento (correlações) entre dois domínios: o **domínio-fonte** (a partir do qual conceptualizamos uma entidade ou um evento metaforicamente; trata-se normalmente um domínio concreto da experiência) e o **domínio-alvo** (o que queremos conceptualizar; o domínio-alvo corresponde, normalmente ao domínio abstrato).

Uma metáfora é uma maneira convencional de conceptualizar um domínio de experiência em termos de outro, frequentemente de modo inconsciente. A metáfora conceptual é manifestada por expressões metafóricas, que, nessa perspectiva, não merecem lugar central. Falar em metáfora, nesse caso, é falar em metáfora como representação que existe na mente e atua no pensamento. Ela seria como uma "matriz geradora" que licencia as expressões metafóricas. No entanto, longe de constituir um conceito de matriz similar ao das teorias gerativas, a metáfora conceptual é, a um só tempo, universal e cultural, refletindo a ideologia e o modo de ver o mundo por parte de uma comunidade.

Muitas críticas têm sido endereçadas a essa concepção. Sardinha (2007), por exemplo, aponta o seu caráter extremamente individualizado e idealizado. Ele cita que as metáforas mais trabalhadas por Lakoff e Johnson são raras no uso da língua; em pesquisa feita na Web, por exemplo, o autor constatou que as expressões metafóricas *"É difícil passar essa idéia para ele"* e *"Suas razões chegaram a nós"* aparecem como os próprios exemplos dos autores!⁶ Ou seja, fora dos textos que tratam justamente de metáforas, essas metáforas são raras. Sardinha ressalta ainda o papel secundário que a linguagem desempenha nessa concepção, já que ela praticamente ignora a dimensão lingüística, focalizando apenas as relações cognitivas. Outro aspecto passível de crítica consiste no trabalho quase exclusivo com metáforas mortas,

⁴ Sendo X uma entidade da área da Economia.

⁵ Não postulamos aqui um corte epistemológico abrupto na tradição dos estudos sobre metáfora. Apenas apontamos que se trata de uma teoria inovadora, cujos pressupostos estão presentes em outras linhas teóricas.

⁶ No entanto, na linguagem oral no meio acadêmico, são bastante freqüentes construções como *"O professor tem conhecimento, mas não sabe passar."*, o que me parece um caso da primeira metáfora.

convencionalizadas, enraizadas na linguagem (o que tem seu mérito também, já que são essas metáforas que usamos para dar sentido às nossas experiências cotidianas, o que evidentemente não é sem interesse), explorando o uso de novas metáforas lingüísticas quase que exclusivamente em trabalhos literários e poéticos; o argumento para essa escolha é que a maioria das metáforas novas são extensões criativas da existência de mapeamentos conceptuais. Isso significa que novas metáforas em discursos não literários raramente são examinadas. (cf. CAMERON & DEIGNAN, 2006).

No final dos anos 90 em diante, uma nova perspectiva aparece nesse cenário. Trata-se do que Sardinha (2007) denomina *metáfora sistemática*, que estabelece um novo foco através de abordagens discursivas. Essa visão insiste na importância do uso da linguagem no entendimento da metáfora, utilizando-se do discurso falado ou escrito em corpora pequenos e amplos. Essa nova teoria adota idéias da teoria cognitiva da metáfora e aceita o caráter convencional de muitas metáforas, mas diferentemente da concepção cognitiva, relaciona o conceptual com o lingüístico, em teoria e trabalho empírico.

O postulado aqui consiste na assunção de que o conteúdo de uma metáfora não é produzido ou processado separadamente da sua forma lingüística; ambos são apreendidos juntos, estocados juntos e produzidos juntos, mostrando que pensamento e linguagem metafórica são interdependentes, um afetando o outro nos dinâmicos e dialógicos processos de pensar-e-falar. (cf. CAMERON & DEIGNAN, 2006)

Além disso, como apontamos acima, há uma dimensão de que não se pode prescindir: a dimensão sócio-cultural. Toda metáfora codifica o conhecimento cultural e reflete a visão de mundo de grupos sócio-culturais, carregando consigo uma dimensão valorativa e afetiva. Num âmbito mais amplo, como apontam Cameron & Deignan (2006), o uso e reuso de metáforas leva à convencionalização de julgamentos de atitude anexados a essas metáforas.

Kövecses (2005) aponta duas fontes para a variação da metáfora: diferentes experiências e diferentes preferências cognitivas. Em outras palavras: de um lado, muitas de nossas metáforas variam porque nossas experiências como seres humanos também variam; de outro, nossas metáforas variam porque as preferências cognitivas que usamos para criar pensamento abstrato também variam.

Sardinha (2007, 38-42), em uma eficiente síntese da metáfora sistemática, aponta os conceitos principais dessa abordagem:

a) A metáfora é “um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seus sentidos e seu afeto) de um domínio de Veículo⁷, que são usados para falar sobre um conjunto conexo de idéias de Tópico durante um evento discursivo”. Uma metáfora relaciona dois domínios distintos e, de alguma forma, incongruentes, mas cuja justaposição cria um novo sentido. Os trabalhos atuais sobre metáfora salientam que ela funciona em dois níveis: conceptual e lingüístico. O segmento que cria a possibilidade de ativar os dois domínios é denominado “metáfora lingüística”. Uma metáfora lingüística abrange também comparações e símiles. Os termos adotados para a análise da metáfora são:

Veículo: parte da metáfora lingüística que contém o termo usado metaforicamente (domínio incongruente).

Tópico: parte de uma metáfora lingüística que contém palavras a que se refere o Veículo.

Domínio de Veículo / de Tópico: áreas de conhecimento ou interação humana referentes aos dois termos.

b) A metáfora lingüística é uma unidade de sentido usada metaforicamente. É o segmento lingüístico que cria a possibilidade de ativar os dois domínios. Esse uso pode ser percebido ou não como metafórico. O analista da metáfora não entra no mérito dessa questão.

c) O metaforema é o conjunto de regularidades de forma, conteúdo, afeto e pragmática, em torno de uma palavra ou colocação, que subjaz a uma metáfora lingüística. Como aponta Sardinha (op. cit.), um metaforema é uma metáfora lingüística que possui uma forma estável e recorrente e se associa regularmente com um sentido semântico e pragmático.

Como características mais gerais da teoria da metáfora sistemática, temos

- a) primazia dada à metáfora em uso;
- b) focalização das expressões metafóricas;
- c) exigência de recorrência das metáforas lingüísticas em determinado contexto;
- d) detecção da metáfora no discurso por meio de evidências de uso.

⁷ *Veículo* e *Tópico* correspondem ao que, no âmbito da metáfora conceptual, se denomina *domínio-fonte* e *domínio-alvo*, respectivamente.

No entanto, a detecção da metáfora suscita a questão de como e se a metáfora é percebida e assim processada ou não. A resposta a essa questão concerne a áreas de investigação como a linguística cognitiva e a psicolinguística, estando, portanto, fora do domínio em que se inscreve esta pesquisa. Que a metáfora tem uma função na linguagem e no pensamento é ponto pacífico. Mas é necessário pensar numa terceira dimensão: a dimensão comunicativa.

Steen (2008) postula um modelo tridimensional da metáfora, inserindo, além da dimensão linguística e cognitiva, uma dimensão comunicativa. Essa função está atrelada a dois tipos de metáfora: intencional e não intencional. O autor define metáfora intencional como a metáfora usada para mudar a perspectiva do destinatário sobre o referente ou tópico que constitui o alvo, fazendo o destinatário ver essa entidade como um domínio ou espaço conceptual diferente; desse modo, trata-se de uma metáfora usada como estratégia de discurso de modo relativamente consciente que busca explicitar efeitos retóricos particulares, operando uma mudança na perspectiva do destinatário a respeito do Tópico. Já a metáfora não-intencional, do ponto de vista da função comunicativa, não chama a atenção consciente do destinatário para outro domínio conceptual. Pensamos aqui, por exemplo, num caso muito comum como “*vamos mudar o rumo da conversa*”, em que a metáfora subjacente <CONVERSA É DESLOCAMENTO ESPACIAL COM OBJETIVO>. A nosso ver, dificilmente o destinatário perceberia a metáfora como um mecanismo intencionalmente voltado para mudar sua perspectiva sobre “conversa”, literalmente entendido como interação verbal.

Steen alerta que a noção de metáfora intencional ou não-intencional não se associa aos conceitos de metáfora convencional e metáfora nova. Uma metáfora convencional pode muito bem ser usada intencionalmente, funcionando como um convite à (re)elaboração do conceito que preenche a função de Tópico.

Desse modo, a função comunicativa essencial da metáfora é um problema que envolve intencionalidade ou não intencionalidade; em outras palavras, envolve a presença ou a ausência de um convite para o destinatário mudar sua perspectiva sobre um referente discursivo ou tópico.

A partir da perspectiva de Steen perguntamos: até que ponto “**derretimento**” (e seus cognatos) em textos midiáticos que tratam da Economia é percebido como metafórico? Para responder a essa pergunta, seria necessária uma pesquisa na área da linguística cognitiva ou psicolinguística, o que não é nosso caso. O que podemos adotar é que a maioria das metáforas é processada metaforicamente, se entendermos que isso se refere a metáforas em comunicação, isto é, se falamos sobre metáforas que podem ser analisadas como convites deliberados para construir mapeamentos interdomínios com a finalidade de mudar a perspectiva do leitor a respeito de um referente discursivo ou tópico, qualquer que seja a intenção comunicativa. Esse convite pode ser explicitamente formalizado por meio de pistas, como ocorre em (1), em que o autor sinaliza que se trata de uma metáfora pelo uso das aspas, embora o termo ‘*derretimento*’ já venha sendo usado metaforicamente na mídia há mais de uma década:

(1)

Folha de S.Paulo - Bancos não cobrem metade das perdas com crise, diz FMI - 30/09/2009

De um modo geral, o sistema financeiro deixou para trás o risco de “derretimento” e segue se estabilizando. Os mercados interbancários estão funcionando...

Assim, a metáfora intencional constitui uma razão importante para fazer uma distinção entre metáfora na linguagem, pensamento e comunicação: a mesma expressão metafórica (na linguagem) e idéia metafórica (no pensamento) podem funcionar como (partes de) enunciados, tanto intencionalmente quanto não intencionalmente (metáfora na comunicação). Essa possibilidade é baseada no potencial linguístico e conceptual do mapeamento metafórico, que se mantém constante, enquanto a função comunicativa é variável, funcionando como um mecanismo retórico determinado pela presença ou ausência de consciência de que as expressões são usadas como metafóricas. O que muda é a sua função comunicativa. Por isso, as metáforas intencionais devem ser descritas com referência à dimensão comunicativa da metáfora juntamente com as dimensões linguística e conceptual da metáfora em discurso.

4. ANÁLISE DOS DADOS: BUSCANDO REGULARIDADES E VALORES.

A análise do corpus foi feita em dois momentos. Num primeiro momento, buscamos verificar o padrão ou padrões que definem o sentido dessa metáfora no discurso midiático da Economia, adotando a proposta metodológica de Moura (2007); aqui inserimos os casos não metafóricos a título de comparação. Em seguida, analisamos a metáfora no contexto temático mais amplo, buscando evidenciar os valores que carrega.

A metodologia seguiu os seguintes passos:

a) Escolha de um elemento do léxico que ocorre na posição de veículo da metáfora a ser investigada, já que a metáfora explora a estrutura léxico-conceptual. Neste artigo, escolhemos uma metáfora nominal, especificamente um nome que indica um evento: '**derretimento**'.

b) Levantamento de ocorrências do item lexical '**derretimento**' no jornal Folha de S.Paulo, no período de janeiro de 1998 a setembro de 2009. Esse corpus foi constituído a partir da noção de momento discursivo.

c) Identificação do sentido do item lexical, a partir das diversas ocorrências. Trata-se de buscar paráfrases aceitáveis das metáforas encontradas, embora não se postule aqui que a metáfora possa ser traduzida para o plano literal; como afirma Moura (2007) e sugere Marcuschi (2007) uma metáfora nunca é completamente paráfraseável.

d) Identificação de possível correlação entre a interpretação da metáfora e a construção sintagmática, buscando uma regularidade, ou seja, averiguando se uma determinada paráfrase ocorre sempre que uma categoria específica aparece na posição de tópico.

O levantamento indica um uso maciço do termo no ano de 2008, conforme apontam os dados da Tabela 1. Trata-se de um período de grande turbulência na economia mundial, que foi explorado com frequência pela mídia, o que caracteriza um momento discursivo, no sentido que aqui adotamos. A Tabela 2 indica o uso do termo em textos de notícias e opinião, publicados no mesmo período, a respeito do derretimento das calotas polares e geleiras, além de outros da mesma área semântica.

2009 ⁸	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
36	70	3	2	1	1	-	2	1	3	8	3

Tabela 1 – Número de ocorrências do metaforema <derretimento> no período de 1998 a 2009

2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
47	19	31	25	19	12	5	12	5	9	10	1

Tabela 2 – Número de ocorrências de '**derretimento**' aplicado ao campo dos fenômenos naturais no período de 1998 a 2009

Como se trata de um corpus relativamente extenso, selecionamos alguns exemplos, com base na variação dos elementos que preenchem a categoria Tópico⁹:

(2)

Folha Online - Dinheiro - Em sétimo dia de alta, dólar fecha a R\$ 1,90; Bovespa perde 1,16% - 01/09/2009

... transmissão é o mercado futuro, em que muitos buscaram "hedge" (proteção), para se precaver contra o **derretimento** dos preços da moeda americana, que caíram quase 20% nos últimos ...

(3)

Folha Online - Dinheiro - Deficit fiscal ameaça recuperação dos EUA, diz Buffet - 19/08/2009

... ações tomadas pelo Federal Reserve (o Banco Central dos EUA) nos governos Bush e Obama, que evitaram um **derretimento** da economia do país, que agora se encontra em recuperação ...

(4)

Folha Online - Dinheiro - Bovespa retrocede 5,63% com más notícias na Europa; dólar bate R\$ 2,26 - 12/11/2008

O giro financeiro é de R\$ 1,82 bilhão. As ações brasileiras sofrem principalmente com o **derretimento** dos preços internacionais das commodities (matérias-primas).

⁸ O levantamento de 2009 abrange o período de 1/1 a 30/09.

⁹ A forma da expressão (adjetivo, sintagma preposicionado) não foi levada em conta.

(5)

Folha Online - Dinheiro - Mantega defende inclusão de emergentes em entidades internacionais - 07/11/2008

*Sobre o andamento da crise financeira global Mantega disse acreditar que o pior dela, que é o **derretimento** do sistema financeiro e a quebra de instituições ..*

(6)

Folha Online - Dinheiro - Crise pode alterar fusão da InBev e Anheuser - 27/10/2008

*... do pagamento em dinheiro- e tentar persuadir a Anheuser a reduzir o valor da aquisição, uma vez que o **derretimento** dos mercados internacionais já provocou perdas da ordem de ...*

(7)

Folha de S.Paulo - Dólar recua para R\$ 1,924 com fluxo de estrangeiros - 03/06/2009

*Embora alguns analistas reivindicuem fatores mais técnicos para explicar o **derretimento** do dólar, boa parte dos profissionais do setor costuma apontar apenas uma ...*

(8)

Folha de S.Paulo - Trabalho de luto - 01/02/2009

*... América Latina e anúncios de demissões nos EUA, na Europa e no Japão apontam para o **derretimento** dos níveis de emprego em escala global ...*

(9)

Folha de S.Paulo - Ação da estatal tem maior queda em 10 anos, e Bolsa recua 7,75% - 13/11/2008

*... ON da estatal caiu 13,25%. O dólar se apreciou em 2,92%, para fechar a R\$ 2,29. Além do **derretimento** da Petrobras, o cenário internacional não ajudou.*

(10)

Folha de S.Paulo - Ação da empresa sofre com queda de 45% no ano - 12/11/2008

*Com o **derretimento** do petróleo nos últimos meses, as ações da Petrobras perderam fôlego na Bovespa. ...*

(11)

Folha de S.Paulo - BCs mundiais cortam taxa de juros; Brasil vende dólares e injeta crédito - 09/10/2008.

*... inútil, como todos os pacotes dos últimos dias: tudo o que se conseguiu foi evitar o **derretimento** das Bolsas de Valores, expressão com que o noticiário on-line recolhia logo ...*

(12)

Folha de S.Paulo - Bovespa cai 2,3% após pacote dos EUA - 09/09/2008

*Na primeira hora de pregão, a Bolsa paulista chegou a subir 3,4%. Mas, com o **derretimento** das ações de Petrobras e Vale, não conseguiu se sustentar.*

(13)

Folha de S.Paulo - São Paulo - Clóvis Rossi: O dólar e o ímã - 21/11/2007

*... deu-se a crise final do comunismo, o seu adversário. Não parece iminente, agora, o **derretimento** do capitalismo ou nem sequer dos Estados Unidos, sua meca.*

(14)

Folha de S.Paulo - Qual globalização - Nova York: Ricos defendem os pobres, mas não encontram soluções - 10/02/2002

... globalização não tinham muito o que comemorar. Primeiro, o encontro deu-se em pleno processo de **derretimento** da Argentina, que foi a vedete dos encontros anuais...

(15)

Folha de S.Paulo - Foco: Crise "enxuga" dinheiro que americanos usariam para pagar faculdade dos filhos - 16/10/2008

O **derretimento** de Wall Street tem preocupado pais de adolescentes prestes ...

(16)

Folha Online - BBC Brasil - Crise mudou forma como economistas vêem o mundo, diz autor - 10/12/2008

... deixar o suprimento de dinheiro cair em 30%. Nós sabemos bastante como estimular economias e como prevenir **derretimento** financeiro.

As paráfrases seguintes podem ser inferidas a partir dos dados:

Paráfrase (a): **perda, diminuição de valor**. Exemplos (2), (4), (7), (9), (10), (12)

Paráfrase (b): **desintegração, quebra**.¹⁰ Exemplos (3), (5), (6), (11), (14), (15), (16)

Paráfrase (c): **diminuição**. Exemplo (8)

Paráfrase (d): **desaparecimento**. Exemplo (13).

Embora o corpus examinado não permita nenhuma conclusão generalizante, é possível identificar alguma regularidade nas diferentes ocorrências com o item lexical '**derretimento**' na posição de Veículo, articulada com as relações sintagmáticas colhidas dos exemplos, o que sugere que o Tópico define uma interpretação específica da metáfora.

Observando o corpus inteiro em que há a recorrência de alguns Tópicos (*mercado, mercado financeiro, financeiro, moeda, mercados, mercado de ações, mercados internacionais*), percebemos um elemento comum nas paráfrases:

a) todos os casos envolvem um argumento-evento " ("derretimento" – Veículo da metáfora) e um tema/alvo (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação: o Tópico da metáfora – mercados, economia, moeda, entre outros); não há a presença do agente;

b) no caso das paráfrases mais recorrentes (letras (a) e (b)), percebemos uma distribuição dos termos que preenchem o Tópico em dois eixos: com o sentido de "perder, diminuir o valor", as entidades são do domínio dos objetos passíveis de contagem numérica (moeda, ações, preços); com o sentido de "desintegração, quebra", as entidades são do domínio das instituições de maneira geral (bolsa de valores, sistema financeiro, mercado, país; neste último caso, assim como no exemplo (14), observamos a presença de metonímias – Argentina/Wall Street)

Mas a metáfora em questão envolve, em primeiro lugar, um domínio geral de objeto sólido. Com efeito, o termo "*derretimento*" tem como entrada a acepção de "dissolução da consistência sólida; liquefação, fundição" (DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa, doc. eletrônico), seu sentido mais frequente. Assim, podemos postular como metáfora conceptual do nível mais superordenado: <ECONOMIA É OBJETO SÓLIDO>, que licencia metáforas linguísticas como "*a quebra da Bolsa de Nova York*", e "*o derretimento da bolsa /mercado / moeda...*". Esta última metáfora se assenta numa metáfora conceptual de nível mais específico: <BOLSA / MERCADO / MOEDA... É OBJETO SÓLIDO PASSÍVEL DE LIQUEFAÇÃO>

Quanto à dimensão da afetividade da metáfora, vemos que o uso mais frequente de *derretimento* no período da turbulência financeira parece se fixar como uma metáfora no discurso econômico da mídia como um termo para conceptualizar uma crise, vista de uma perspectiva negativa, embora uma crise em si

¹⁰ Optamos aqui por uma expressão metafórica "quebra", cuja metáfora conceptual que a licencia seria <ECONOMIA É OBJETO SÓLIDO>.

¹¹ Chierchia (2003) afirma que o verbo não só determina papéis temáticos, mas também descreve eventos. Assim, além dos argumentos explícitos que preenchem os papéis temáticos, o autor postula um argumento implícito, denominado **argumento-evento**. Exemplo: Em "*Maria encontrou José*", além dos papéis temáticos de **agente** e **tema**, preenchidos respectivamente por *Maria* e *José*, existe um argumento implícito, o evento descrito pelo verbo "encontrar". No nosso caso, trata-se justamente do substantivo que constitui o Veículo da metáfora: "derretimento".

mesma não esteja ligada a um ou outro valor. Com efeito, sua origem da metáfora parece estar no termo inglês *'meltdown'*, como mostra o excerto abaixo:

(17)

Schwartz, Gilson. China e Japão ainda continuam sob suspeita. **Folha de S.Paulo**, 08/08/1999

(...) É verdade que se pode considerar ultrapassado o pior momento da crise asiática. Vista em perspectiva, foi uma crise até que relativamente rápida. Mas é preciso cuidado para não subestimar a sua gravidade. Houve, de fato, um "meltdown" (a expressão é emprestada do derretimento catastrófico do núcleo de um reator nuclear). Para alguns analistas, no entanto, o que se tem agora ainda não é uma recuperação. É principalmente um quadro de dificuldades crônicas.(...)

O uso do termo deixa clara a vinculação com um problema de natureza amedrontadora, a ameaça nuclear, ausente do termo usado em português. No entanto, quer no inglês, quer no português, o termo para conceptualizar a dissolência de entidades no terreno da Economia está associado a valores negativos, gerando sempre expectativas trágicas, catastróficas, na economia mundial nesses tempos de globalização. Essa dimensão valorativa tende a se fixar; desse modo, a expressão metafórica **'derretimento'** (Veículo) **de X** (Tópico) tende a ser ativado em contextos negativos, criando um espaço de afetividade, de grande importância na construção da metáfora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, examinamos o metaforema **'derretimento de X'**, licenciado pela metáfora <ECONOMIA É OBJETO SÓLIDO>, recorrente nos textos de Economia, veiculados pelo jornal **Folha de S.Paulo**, com base na premissa de que a metáfora é parte de nosso modo humano de pensar e falar; ela codifica o conhecimento cultural e é aprendida através da participação em grupos socioculturais particulares. A análise dos dados aponta uma regularidade no uso dessa metáfora, que assume nuances de significado quando se considera a relação sintagmática e a natureza da entidade que desempenha o papel temático de alvo na expressão metafórica. Além desse nível léxico-conceitual, a metáfora estudada permite identificar uma importante dimensão dialógica, já que é usada para expressar afeto e atitude com conteúdo ideacional. Assim, plasmada no período de grande turbulência do mercado financeiro, no momento discursivo selecionado, tal metáfora carrega traços ideológicos de ameaça e catástrofe.

REFERÊNCIAS

- CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. The emergence of Metaphor in discourse. *Applied Linguistics*, n 27 (4), p. 671-690, 2006.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- DEIGNAN, Alice; POTTER, Liz. A corpus study of metaphors and metonymies in English and Italian. *Journal of Pragmatics*, 36, p. 1231-1252, 2004.
- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br>. Data de acesso: 07/08/2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KÖVECSSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LAKOFF, George. *The contemporary Theory of Metaphor*. In Ortoni, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought*. 2nd ed. Cambridge: University Press, 1993.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas,SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002. A primeira edição é de 1980.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. In: _____. Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 119-132. O texto foi publicado primeiramente na Revista Pórtico, (1): 15-32, 1984 e uma segunda vez em Revista Estudos da Linguagem 9(1):71-90, 2000.

MOIRAND, Sophie. Communicative and cognitive dimensions of discourse on science em the French mass media. *Discourse Studies*, 5(2), p. 175-206, 2003.

MOURA, Heronides. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão-SC, n 3 (7), p. 417-452, 2007.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

STEEN, Gerard. The paradox of metaphor: why we need a three-dimensional model of metaphor. *Metaphor and Symbol*, v. 23 (4), p. 213-241, 2008.

WHITE, Michael. Metaphor and economics: the case of growth. *English for Specific Purposes*, 22,p.131-151, 2003.22, p. 131-151, 2003.

Graziela ZAMPONI

Possui graduação em Letras pela Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena (1974), mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atualmente é docente da Universidade de Taubaté e docente da Escola de Engenharia de Lorena - EEL-USP. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: gêneros de discurso, popularização da ciência, metáfora, Linguística textual e referenciação.